

## **O enfrentamento da violência escolar: suas repercussões sobre a aprendizagem do aluno e o ensino do professor nos anos iniciais do ensino fundamental**

Addressing school violence: its repercussions on student learning and teacher teaching in the early years of elementary school

**Maria Clélia Guedes de Almeida<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva destacar o enfrentamento da violência escolar e suas repercussões sobre a aprendizagem do aluno e o ensino do professor. A abordagem do tema busca oferecer algumas contribuições no tocante a violência escolar com base na literatura relacionada a temática. Como metodologia, buscou-se utilizar a revisão da literatura, com fundamento em artigos eletrônicos, obras acadêmicas e revistas especializadas que se reportam a centralidade do tema no campo da Pedagogia, visto que o interesse era compreender como a violência escolar tem se configurado no espaço da escola-campo. Após o estudo inferiu-se que o foco da escola é a aprendizagem do aluno, então, adequar a proposta pedagógica, tornando-a mais atraente e significativa ao mesmo, é uma maneira de se construir uma escola onde a violência deixe de existir na paisagem das instituições de ensino com o firme apoio do Poder Público, priorizando-se a formação da sua autonomia.

**Palavras-Chave:** Violência. Aprendizagem. Escola. Alunos

### **ABSTRACT**

This paper aims to highlight how to deal with school violence and its repercussions on student learning and teacher teaching. The approach of the theme seeks to offer some contributions regarding school violence based on the literature related to the theme. The methodology used was a literature review, based on electronic articles, academic works, and specialized magazines that report the centrality of the theme in the field of Pedagogy, since the interest was to understand how school violence has been configured in the space of the school-field. After the study, it was inferred that the focus of the school is the student's learning, so, adapting the pedagogical proposal, making it more attractive and meaningful to them, is a way to build a school where violence ceases to exist in the landscape of educational institutions with the firm support of the Public Power, prioritizing the formation of their autonomy.

**Keywords:** Violence. Learning. School. Students

### **INFORMAÇÕES**

**Histórico do Artigo:**

Submetido: 20/01/2023

Aprovado: 22/02/2023

Publicação: 01/03/2023



<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, PY. Professora na Escola Estadual Maria Mãe de Deus, Amapá. Email: [almeida\\_clelia@hotmail.com](mailto:almeida_clelia@hotmail.com)

## 1. Introdução

Este estudo tem como tema “O enfrentamento da violência escolar: suas repercussões sobre a aprendizagem do aluno e o ensino de professor nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. A escolha deste tema é importante pela necessidade de entender como é vista a questão da violência nas instituições de ensino, considerando que é um tema frequente tanto na mídia quanto na realidade escolar de muitas instituições de ensino e vem preocupando educadores em todos os níveis, bem como a sociedade. Segundo Santos et al. (2022), a educação é definida como um processo de socialização, desta forma, o indivíduo assimila e adquire conhecimentos.”

Na última década a violência nas escolas tem preocupado o poder público e toda sociedade, principalmente, pela forma como esta tem se configurado. O conflito e violência sempre existiram e sempre existirão, principalmente, na escola, que é um ambiente social em que os jovens estão experimentando, isto é, estão aprendendo a conviver com as diferenças, a viver em sociedade.

Esse círculo de violência deve ter um olhar mais universal, principalmente, por aqueles que pensam sobre a educação. É necessário ver que a violência contra a instituição escolar, contra colegas e professores e, de certo modo, a violência dos adultos contra as crianças, também, contém elementos de caracterização bem comuns. A não aceitação das diferenças em toda a sua amplitude – se é diferente, é hostilizado, desprezado, humilhado.

A abordagem do assunto justifica-se pois a escola e o professor não devem confundir a liberdade de expressão, o diálogo, os questionamentos, e a hostilidade do aluno com a violência escolar. De acordo com Antunes (2014, p.14) “Se seus alunos conversam isto é bom. Saiba fazer dessa notável qualidade humana uma “ferramenta” de ensino. Use a conversa do aluno, que é o que ele tem de mais valioso em sua vida, como instrumento para um trabalho pedagógico essencial”.

Diante disso, colocar limites ao comportamento do educando continua a ser muito importante para o desenvolvimento da personalidade, para a formação da cidadania e o enfrentamento da hostilidade no contexto escolar (ANTUNES, 2014).

Além disso, refletir sobre a problemática da violência física escolar especialmente nos limites da escola é de suma relevância, pois proporcionará uma melhor compreensão dos problemas que permeiam as relações entre os docentes e os alunos vivenciadas no âmbito escolar.

Em termos sociais o estudo justifica-se pois vem trazer proposições que estimulam a sociedade a perceber a importância de se construir relações produtiva entre professores e alunos evitando-se situações que resultem em violência e hostilidade.

É a partir das observações e leituras que se situa o presente estudo buscando oferecer algumas contribuições no tocante a violência escolar na concepção dos professores e alunos que, mais do que em qualquer outra época, exige do profissional uma postura ética e democrática,

Com base nisso, a questão-problema do estudo indaga: Quais as implicações da violência escolar sobre a aprendizagem do aluno e o ensino do professor no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Os objetivos do trabalho consistem em analisar as implicações da violência escolar na aprendizagem dos alunos e no ensino do professor no Ensino Fundamental; descrever e caracterizar a violência física no âmbito escolar; identificar as principais dificuldades que o professor enfrenta na sua prática pedagógica para diminuir a violência física escolar no Ensino Fundamental e evidenciar as estratégias didático-pedagógicas que o professor utiliza nos anos iniciais do Ensino Fundamental para superar as situações de violência escolar

Como metodologia, buscou-se utilizar a revisão da literatura combinado com a pesquisa de campo realizada de forma qualitativa e quantitativa, visto que o interesse era compreender como a violência escolar tem se configurado no espaço da escola-campo.

## **2. Violência na escola e suas repercussões no ensino e aprendizagem**

### **2.1. A VIOLÊNCIA ESCOLAR: Um fenômeno atual**

A definição de violência se faz necessária para uma maior compreensão da violência escolar. É uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade. É o atentado direto, físico contra a pessoa cuja vida, saúde e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros. Neste sentido Monteiro (2010, p. 45) explica "entendemos a violência, enquanto ausência e desrespeito aos direitos do outro".

A violência se manifesta em todos os aspectos da vida cotidiana. Podemos percebê-la na economia, na política, na ideologia, na religião, na família, na cultura e

até mesmo no ensino, como autoritarismo de professores, castigos corporais, ações desrespeitosas de alunos para com colegas ou professores, etc.

Ao se discutir a paisagem da violência é necessário citar Appadurai (2009), uma vez que seus estudos giram em torno das relações estabelecidas na sociedade contemporânea entre imaginário do medo, a violência urbana e suas manifestações nas mais diversas instituições.

Nas pesquisas desenvolvidas por Appadurai (2009) abordam-se as transformações no espaço público das grandes cidades, mediante a leitura crítica dos eventos que marcam a banalidade da violência e do medo em instituições como a escola em contraponto com o imaginário do medo gerado pela violência.

O ponto de apoio de seus estudos está fortemente fundamentado na percepção de que o espaço construído é um instrumento de análise da cultura e da sociedade que o recria permanentemente, desde que se abordem as relações entre as transformações no cotidiano da cidade e as manifestações de violência ocorridas nas mais variadas instâncias sociais.

## **2.2. Tipos de violência que as escolas atuais estão expostas**

As agressões podem se configurar nas seguintes formas: diretas e indiretas, mas dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos, o agressor se expressa nas mais variadas formas de violência. Essas atitudes podem ser divididas em: violência física e material, verbal, moral ou psicológica e sexual. Tais atitudes violentas contribuem não somente para a exclusão social da vítima, mas também para evasão escolar. Vale pontuar que no ambiente escolar os agentes e/ou vítimas dessa violência podem ser professores, alunos e todos os envolvidos no processo. Ela pode se dá nas relações professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, aluno-escola ou escola-aluno.

### **2.2.1. Física e Material**

A violência física está relacionada com atos de bater, chutar, empurrar, ferir, ameaçar, beliscar, gritar e intimidar, sendo o mais fácil de ser percebido. Já a violência material se refere ao roubo art.157 CP. Subtrair coisa móvel alheia, pra si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência; e ao furto art. 155. CP, subtrair para si ou para outrem, coisa alheia móvel, sem violência.

### **2.2.2. Verbal**

Crianças e jovens são sempre muito sensíveis a certos comentários que fazem sobre eles, porque estão em desenvolvimento e não tem maturidade suficiente para separar o que ouvem sobre si do que realmente são.

A violência verbal ocorre através dos ataques com palavras ofensivas, afronta, ofensas com injúrias, xingamento com apelidos pejorativos, zoando, fazendo gozações, difamações, fofocas, ameaças, telefonemas abusivos, passando e-mails intimidando. As agressões verbais são praticadas principalmente na presença das pessoas estranhas, geralmente por meninos e meninas. É a forma mais fácil de fazer, porque pode ser só sussurrado, de forma que os adultos não escutem, podem ocorrer também através de bilhetinhos a colegas, escondidos do professor.

### **2.2.3. Moral ou Psicológica**

A violência moral ou psicológica na escola é um fenômeno bastante antigo. Existem inúmeras histórias de pessoas que relatam os maus - tratos desde que surgiram as relações educacionais, muitos tentam banalizar e confundir como conseqüências de forma de organização.

Em decorrência da relevância e dos avanços nas relações sociais e educacionais tornaram-se temas de estudos em diversas áreas do conhecimento humano e em vários países. Dessa forma muitos especialistas em educação procuraram entender o fenômeno e suas conseqüências prejudiciais, que interferem na saúde, no ambiente escolar e na produtividade.

### **2.2.4. Sexual**

A agressividade injustificada nas relações amorosas entre os adolescentes é fruto da maturação natural da sexualidade, das mudanças hormonais, do surgimento da atração sexual, do despertar do desejo, da vontade de experimentar a vida (CALHAU, 2010, p. 79).

Apenas a conduta agressiva pode ser considerada uma espécie de violência quando estão presentes os seguintes requisitos: reiteração dolosa da conduta ofensiva, repetição de atos, relação desigual de poder e quando causado por dor e angústia na vítima, havendo também manifestação de domínio de molestamento ou de violência. Nesse tipo de violência as vítimas geralmente são meninas pré-adolescente e adolescente que convivem com essa prática também em outro ambiente social (CHALITTA, 2008, p. 72).

São incontáveis as formas de assédio ou violência sexual, através de insultos com conotações sexuais, comentários depreciativos, rumores, gestos, olhares obscenos, contatos físicos não desejados, ataques mais violentos chegando inclusive ao molestamento ou estupro.

O desafio para esse tipo de violência sexual juvenil consiste em “educar os adolescentes para sua vivência sexual, orientá-los para o estabelecimento das relações sentimentais equilibradas e seguras, ajudá-los a enfrentar os conflitos nos primeiros relacionamentos, a encarar as rupturas e os desamores que são, dentre outros, conteúdos que deveriam ser abordados com os adolescentes.

Segundo o código penal brasileiro (CPB), constitui crime de assédio sexual o ato de constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. (CALHAU, 2011, p. 122).

Muitos distúrbios violentos deixaram de ser um evento que acontecem uma vez ou outra na escola para se tornarem, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais.

A grande questão é saber se é correto compreender ou reprimir, encaminhar ou ignorar os atos violentos. São essas dúvidas que angustiam muitos professores responsáveis pela mediação do conhecimento. Outra questão significativa apontada refere-se ao fato de que a violência atravessa indistintamente as escolas públicas e privadas

Enganam-se aqueles que a supõem mais ou menos presente apenas em determinado contexto. Vale lembrar que, embora diferentes significados sejam atribuídos à problemática e até mesmo os próprios objetivos educacionais subjacentes a ambas possam ser distintos, elas parecem sofrer o mesmo tipo de efeito. Não se trata, pois de uma espécie de desprivilegio da escola pública; muito pelo contrário (REBELO, 2007, p.40)

Diante desse quadro preocupante é importante refletir e compreender melhor as dimensões dos atos violentos e intervir de maneira mais significativa nessa realidade. Nesse sentido, a maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar ou administrar o ato violento.

No que tange a isso, compreende-se que as causas da violência podem ser encontradas em cinco grandes níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno. Sabendo disso, é preciso investigar quais são as causas da violência no contexto escolar, para então buscar construir algumas alternativas para lidar com o problema.

De acordo com Vasconcellos (2009, p. 73)

Como premissa básica deve-se enxergar o problema da violência como uma situação provocada, entre outras coisas, por problemas psicológicos,

ou familiares, ou da estruturação escolar, ou das circunstâncias sócio-históricas, ou, então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua personalidade, pelo seu método pedagógico. Na realidade, a violência não apenas tem causas múltiplas, como se transforma, uma vez que depende de todo um contexto sócio-cultural que lhe dá sentido.

Isso indica que é importante superar a concepção de que o problema da violência está no aluno, pois o discente tem sido a maior vítima de todo o contexto no qual vive. Daí a necessidade de se pensar em algumas alternativas para amenizar os problemas do cotidiano escolar.

Portanto, deve-se afirmar que um dos aspectos humanos que estimulam a violência na escola são as relações sociais baseadas na indiferença. Assim, construir outra relação educacional entre os membros da comunidade constitui-se uma importante finalidade, ou seja, deixar de lado a simples participação alienada e passiva, para construir uma participação consciente e interativa, pois “o aspecto coletivo da participação deve ser visto não como um processo despersonalizado, mas pelo contrário, como o principal instrumento de construção da individualidade” (VASCONCELLOS, 2004, p.53).

Vale destacar, que o professor também precisa se constituir como um sujeito ativo no processo, estando atento às diferenças entre os alunos, combinando-as e buscando que cada sujeito contribua no processo de construção de conhecimentos de acordo com seus limites e potencialidades.

É importante também que o professor tenha autoridade, para conduzir de forma mais proveitosa possível o processo de ensino-aprendizagem. E essa autoridade, precisa ser exercida nos domínios intelectual, ético, profissional e humano. Sobre a questão da autoridade, La Taille (2010, p. 102) enfatiza:

[...] o professor com autoridade é também aquele que deixa transparecer as razões pelas quais a exerce: não por prazer, não por capricho, nem mesmo por interesses pessoais, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponham-se a modificá-la em consonância com um projeto comum.

Nessa perspectiva, o professor precisa ser exigente, mas não com normas rígidas, incoerentes, mas utilizar com equilíbrio o incentivo a fim de que os educandos participem de forma significativa da construção de seus conhecimentos.

Segundo Vasconcellos (2004), existem, de forma geral, duas formas de conseguir a mudança no comportamento violento; sendo uma delas por coação, resultado de uma educação autoritária ou por convicção, na linha de uma educação

dialética-libertadora. Ambas, apresentam aparentemente os mesmos resultados, mas as marcas que são deixadas nos sujeitos são completamente distintas.

A disciplina baseada no ato de coagir contribui para a formação de indivíduos passivos, obedientes, dependentes, imaturos e que não compreendem o contexto social no qual estão inseridos. Por outro lado, a disciplina construída por convicção, auxilia para formar sujeitos ativos, autônomos, responsáveis e que tem no diálogo a base de seu desenvolvimento. “Se queremos que as crianças desenvolvam a autonomia moral, devemos reduzir nosso poder adulto, abstendo-nos de usar recompensas e castigos e encorajando-as a construir por si mesmas seus próprios valores morais” (KAMII, 1996, p.109).

Mas para conseguir construir uma cultura da paz fundamentada na convicção, deve-se investigar quais são as causas da violência na escola, conhecendo a realidade na qual os sujeitos estão inseridos, bem como estabelecer um diálogo permanente com os familiares e com os demais membros que compõem o universo escolar. Isto significa que é preciso evitar a tendência de transferir a responsabilidade pela violência. Vasconcellos (2010, p. 92), explica

Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais (que não dão limites), que culpam os professores (que não são competentes) e a escola (que não tem pulso firme), que culpa o sistema (que não dá condições) e assim por diante.

É comum conceber que a maior vítima dos problemas com a violência são os professores, mas na verdade os alunos também são vítimas, já que não conseguem se desenvolver, nas múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva, social, entre outras.

Por isso, Paro (2005) explica que a escola precisa se constituir num centro de diálogo entre as diversas culturas nele representadas. Esse diálogo deve excluir todas as formas tradicionais de dominação-submissão, para se basear em formas de respeito mútuo que oportunizam uma nova forma de convivência.

### **2.3. Família, escola e alunos no enfrentamento da violência escolar**

A escola é o ponto de referência e o lugar de fazer amigos de crescer juntos, além dos estudos os alunos conversam, jogam, riem, brincam, em cenas assim parecem apenas jovens num intervalo entre aulas, mas muitas vezes não é o que parece. Nas escolas pais, educadores, estão preocupados com a violência entre adolescentes além de agressões físicas surge uma nova prática mais sutil e cruel bullying que vem ocupando espaço privilegiado nesse meio.

A preocupação com a violência no ambiente escolar, segundo Spósito (2001) emergiu nos estudos acadêmicos brasileiros a partir da década de 1980, ou seja, parece que a preocupação com a barbárie e o compromisso com a educação contra a violência são muito recentes no Brasil.

De acordo com os autores Abramovay e Rua (2003) a violência escolar é um fenômeno antigo e, assim como todo problema social, pode se manifestar, conforme já classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno.

Calimam (2006) mostra que quem frequenta a escola, na atualidade, são crianças e adolescentes de extrações sociais diversas cada um deles com uma história pessoal que para alguns regulares, mas para outros caracterizados por situações de risco, marcada por fracassos, desvantagens, mal-estar e sofrimento dos mais diferentes tipos.

Visto que é impossível impedir que a realidade contextual envolva as salas de aula, considera-se a urgência de ponderar necessidades e direitos de uma gama de estudantes em situação de desvantagem e risco social cuja principal variável refere-se a desigualdade social e desembarcar em inúmeras dificuldades como, baixo rendimento escolar, manifestações de hostilidade, adaptação ao próprio papel de estudantes e interação social.

O comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos. Estudos realizados nas duas últimas décadas demonstraram que a sua prática pode ter consequências negativas imediatas e tardias para todas as crianças e adolescentes direta ou diretamente envolvidos (LOPES NETO, 2005).

O papel da escola, assim como o da família é ajudar no desenvolvimento e formação da criança. A escola em todos os lugares representa o saber, a cultura e às vezes se confunde com a própria educação. No conceito de muitas pessoas, a escola é o lugar onde nasce a educação. Para Heidrich (2009, p.25),

A escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar conta de seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos, mas não é apenas a escola que educa. A sociedade também tem uma parcela de contribuição nesse processo, com as mais variadas manifestações culturais que exercem, de algum modo, influência sobre o ser humano. Cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites, autoridades, etc.) cada um têm suas características psicológicas pessoais

A formação do caráter e personalidade do indivíduo ocorre ainda na infância e as principais instituições responsáveis por este desenvolvimento são, sem dúvida, a escola e a família. A escola, como segunda instância, oferece um maior grau de socialização que a família. É lá que a criança passa a conviver com outras crianças, experimenta um ambiente novo, com novas regras e novos conceitos educativos. É um lugar para formar pessoas inteligentes.

#### **2.4. Violência e suas repercussões no processo de ensino e aprendizagem**

O comportamento agressivo na escola, geralmente é adquirido na própria família por falta de preparo da parte dos pais em atender às necessidades da criança naquela faixa etária. Muitos pais por falta de respostas de como agir com seus filhos impõem o mesmo modelo que seus pais usavam quando eram crianças.

É muito difícil para um pai se relacionar com seu filho, por causa da experiência que teve no passado que pode ter sido traumático, portanto, assume a característica de pai rígido em excesso. Segundo Muratore, (2007, p. 75), “um dos problemas centrais dos comportamentos violentos diz respeito à compreensão do relacionamento existente entre fatores constitucionais (endógenos) e fatores sociofamiliares (exógenos) na sua determinação”.

A rigidez do pai diante do filho e a distância entre os dois só vai dificultar o relacionamento. A criança não se aproxima, por medo do pai e este não se aproxima do filho por não ter tido essa aproximação com seu pai na sua infância.

Segundo Muratore (2007, p.77): “(...) o comportamento do indivíduo para com os pais se torna cada vez mais negativo, e a abordagem dos pais sejam cada vez mais distante e coercitiva”.

A violência que os jovens sofrem em casa, pelos pais, geralmente tem consequência desastrosa no processo de ensino-aprendizagem e, principalmente no convívio social, se os pais tratam o filho com algum tipo de violência psicológica ou física, certamente esse indivíduo será agressivo e terá dificuldade em se relacionar com outras pessoas e essas primeiras pessoas que essas crianças se relacionarão serão na escola; sendo que, também, se sentem desmotivadas para aprender por não ter uma pessoa da sua família que lhe dê incentivo e esteja ao seu lado nesse momento tão importante na vida da mesma, que sozinha já tem tantos problemas familiares e acaba pulando fases de sua vida para assumir responsabilidade que não seria para aquele determinado momento.

Para Muratori (2007, p. 99) “(...) as atitudes punitivas corporais até o abuso físico por partes dos pais são significativamente relacionados com os comportamentos violentos apresentados nos filhos”.

A aproximação do professor passa mais segurança e tranquilidade. Com isso o aluno sente-se encorajado pelo professor para avançar e tem certeza que se errar, este o ajudará a acertar apontando soluções para as dúvidas. O comportamento do professor na sala de aula afeta cada aluno, sendo que se esse comportamento for bom, afeta de maneira positiva, se for negativo pode ocorrer o inverso; não podemos ver o processo de ensino-aprendizagem como se fosse apenas a dimensão cognitiva, a afetividade também é parte integrante desse processo.

Alguns professores se tornaram tão inesquecíveis na vida de muitos alunos, que foram de suma importância para seu desenvolvimento. Esses mesmos jovens desejam ser iguais àquele professor quando se tornarem adultos e, até mesmo exercer a mesma profissão. Portanto, as dimensões afetivas não poderão mais ser ignoradas e sim incluídas na discussão dos professores comprometidos com o processo educacional. “A inteligência não se desenvolve sem a afetividade e vice-versa, pois ambos compõem uma unidade de contrários” (LEITE apud ALMEIDA, 1999, p.21).

Quando se fala em escola, não se pode deixar de falar de imediato sobre a figura do professor. É ele quem divide o espaço da sala de aula com o aluno; assim, seus comportamentos exercem forte influência sobre seus alunos. De acordo com Perrenoud (2001), “o trabalho docente é complexo e exige uma variada gama de capacidades e de recursos afetivos e cognitivos”.

O professor é, ante de tudo, um educador e, como tal, precisa auxiliar seu aluno em suas diferentes necessidades. “Dentre suas principais competências, está a de aceitar e compreender seu aluno, mesmo diante de seus conflitos e dificuldades, afinal, ele tem o direito de errar”.

Lech (2007, p.10), afirma que “o professor deve construir suas competências articulando saberes de várias áreas. A filosofia, a sociologia e a psicologia estão entre as principais formas de se compreender as diferentes situações com que se depara na escola e na vida”.

O desenvolvimento da autoestima do jovem acontece logo nos primeiros anos de vida com as pessoas que convivem no mesmo ambiente, sendo assim, as pessoas do meio social têm um papel fundamental na formação dessa base. A

afetividade envolve as vivências e as formas de expressão mais complexas e humanas que possibilitam a transformação da emoção em sentimento, passando a interferir na atividade cognitiva e possibilitando seu avanço.

De acordo com Lech (2007) “há diversas causas que explicam a violência no ambiente escolar. As mudanças nas relações sociais e no padrão da própria família têm contribuído muito para isso”. Ao contrário do que ocorria no passado, o convívio de crianças e adolescentes com os pais diminuiu consideravelmente.

Entre as importantes interações sociais que ocorrem na vida das pessoas encontram-se as que são vivenciadas entre alunos e professores. Essa relação de interação, segundo (LECH, 2007, p.27 apud ZABALA, 1998). “é a chave de todo processo educacional, pois, para aprender é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em que predominem a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade”.

Eizirik (2001) cita que “a ausência de relação e a pobreza da interação são alguns dos problemas que mais fragilizam a escola atual”. Isso faz com que ocorra uma coisificação da sala de aula, o que pode ser entendido como uma aula onde não existe sujeito. Desse modo, pode-se considerar que a falta de qualidade no ensino, além de inúmeras razões, também pode estar associado à forma como o professor desenvolve sua prática docente. Apesar de ele se apresentar em posição de destaque em relação ao aluno, o processo educacional é bidirecional, pois o sujeito nele envolvidos influencia ao mesmo tempo em que são influenciados. “Os alunos despertam emoções em seus mestres, e vice-versa. Conforme a reação de cada um a esses sentimentos ocorrem novos comportamentos que se retroalimentam” (LECH, 2007).

Essa ideia é confirmada por Piletti (1988), segundo o qual “os comportamentos são respostas constantes e contínuas ao ambiente físico e social”. As pessoas despertam e reagem de diferentes formas diante de diferentes pessoas.

Segundo Lech (2007) “a educação deveria se pautar por uma teoria que considere essa dialética existente na relação professor – aluno. Existe uma tendência de se considerar o aluno como portador de um problema individual, mas, por outro lado, muitas vezes, o professor não busca uma compreensão a partir de si mesmo”.

Para compreender uma delicada relação professor – aluno é necessário ter uma visão mais ampla, pois de acordo com Enderle (1987, p. 105), “os fundamentos

psicológicos dessa relação não estão, como se possa pensar, nas relações escolares, uma vez que ‘antes da entrada na escola estão definidos os vínculos aprendidos no seio da família, os quais são apenas transferidos para a situação escolar’. A família fornece a matriz das relações com os outros grupos”.

Segundo Lech (2007, p. 29), “muitas vezes é difícil para o professor entender que os comportamentos agressivos que um aluno lhe dirige podem ser resultados de projeções e transferências”. Ocorre que, naquele momento, ele está representando outra pessoa ou, até mesmo, uma situação que desperta fortes sentimentos de revolta no aluno.

Lech (2007, p. 30 apud PILETTI, 1988) salienta que “há pessoas das quais queremos nos aproximar e outras, das quais queremos nos afastar”. No entanto, as pessoas que produzem afastamento, para alguns, podem provocar aproximação em outras pessoas e vice-versa.

Da mesma forma, um aluno displicente e desinteressado na aula de um professor pode mostrar-se dedicado e interessado na aula de outro. É importante lembrar também, que o aluno chega à escola na posição de aprendiz e como tal, tem o direito de errar e com a ajuda do professor fazer de novo e acertar.

Aceitar os comportamentos difíceis dos alunos requer uma capacidade de amor e de aceitação muito grande. É difícil educar para a aceitação e o respeito de si mesmo, que leva a aceitação e o respeito pelo outro. Continua: o professor deve saber interagir com seus alunos num processo que não os negue ou castigue. (MATURANA, 1998, p.29).

Com base na citação acima mencionada caberá ao professor, em sua relação com o aluno, encarregar-se de oferecer um modelo de relacionamento humano que deverá estar baseado na sua capacidade de compreensão e aceitação do outro.

Nóvoa (2003), de maneira otimista, espera ainda que os professores ajudem a restaurar os valores, a impor aos jovens as regras da vida social, a combater a violência, a evitar as drogas, a resolver as questões de sexualidade. Mas para isso, precisam estar conscientes de que só poderão contribuir e que, dificilmente, resolverão os problemas sem considerar os obstáculos do contexto social onde esses estão inseridos.

Segundo Lech (2007, p.31) “existe um grande caminho a ser percorrido, até que os professores se sintam mais preparados para enfrentar as dificuldades de relacionamento que são inerentes à sua profissão”. Afinal, toda profissão que envolve relacionamento humano requer uma grande habilidade interpessoal, que é desenvolvida ao longo da história da vida. É preciso ter clara essa responsabilidade,

pois a fonte vital de todo e qualquer crescimento está nas relações humanas. As crianças e jovens só aprendem com aqueles a quem outorgam o direito de lhe ensinar.

Sem a pretensão de oferecer conclusões para a relação de ambos, seria imprescindível para lidar com situações difíceis, cinco competências: afeto, bom senso, bom humor, reflexão e experiência. Sendo que, o professor com autoconhecimento possibilita o manejo com situações imprevistas. Porque, diante desses desafios, (LECH 2007, p.8 apud ALVES) afirma que:

Analisar nossos sentimentos e ações, enfrentar erros e acertos como possibilidades de aprendizagem e, principalmente, que sigamos nos encantando com essa profissão/vocação, professores e educadores que somos, e que precisa se alimentar cada vez mais de nossas sensibilidades, para enfrentar os desafios do presente e do futuro, para que nunca cesse o diálogo vital e potencializador entre professor e aluno.

Com o decorrer dos tempos tem se caracterizado mudanças em todos os níveis da sociedade e com a globalização valores e cultura são questionados. E algumas das facetas que permeiam essa mudança, a violência urbana e o avanço da tecnologia que futuramente trarão consequências dolorosas a essas transformações.

Diante dessas mudanças o professor passa a ser mais responsável pelo aluno do que os próprios pais, logo, muitas das coisas que as crianças aprendiam em casa, ou seja, na família, com isso precisam ser aprendidos na escola, pois os pais dispõem de menos tempo para acompanhar o desenvolvimento, o comportamento e o educar dos seus filhos transferindo essa responsabilidade para a escola.

O professor ao tentar resolver algumas situações difíceis, às vezes desnorteia o próprio aluno que confunde suas intenções. Em sua teoria de pensamento complexo (LECH apud MORIN, 2001, p.23), afirma que:

A partir do momento em que lançamos uma ação no mundo, essa vai deixar de obedecer às nossas intenções, vai entrar no jogo de ações e interações do meio social no qual acontece, e seguir direções muitas vezes contrárias daquela que era nossa intenção. Logo, nunca estaremos certos de que nossas boas intenções vão gerar boas ações.

Por isso, é que nos dias de hoje, o professor deve estar preparado para agir disciplinarmente porque, se contrário, terá dificuldades para se adaptar a novos tempos; a sociedade e a família clamam por sua ajuda na construção de novos

ideais e com isso lança-se o desafio de abranger o aluno por inteiro com a finalidade de conquistar o equilíbrio e a harmonia dentre esses conflitos encontrados na escola.

Os professores deveriam ser mais preparados para lidar com situações de violências na escola e apoiados para que possam dar mais sustentação a esses alunos que precisam de uma atenção maior (NORONHA, 2014).

Isso ocorre porque o momento em que vivemos exige uma eficiente mudança estrutural no sistema educacional, logo os valores humanos, às vezes se tornam invisíveis diante de certas situações.

A responsabilidade de educar os alunos sejam eles de que escola for é muito grande, por isso que se desenvolvem projetos que integrem a família, a escola e a comunidade, pois as possíveis soluções dependem muitas vezes desse grupo.

Diante desses conflitos que parte entre colegas, ou entre alunos e professores decorrendo reflexo da sociedade. Por isso faz-se um estudo das causas dos comportamentos agressivos desses alunos e, alguns desses problemas surgem por parte dos professores que contribuem por não saberem lidar com situações de conflitos, por não estarem de acordo com sua ética e seu jeito pessoal de trabalhar.

O intuito de se amenizar esses problemas passam por vários níveis desde as políticas educacionais até a sala de aula, onde se estabeleceu várias relações, seja ela de boa conduta ou não. Por isso que se reflete o que se considera ou não agressão para que não influencie no ensino, pois as consequências dificultam o aprendizado por não terem sido considerados de uma forma positiva onde ninguém saia magoado ou prejudicado com esses comportamentos diferentes.

Para combater e prevenir a violência escolar é preciso identificar os protagonistas e personagens, analisando seus comportamentos e com isso desenvolver métodos dentro da escola que possa combater a violência escolar e prevenir com participação direta dos pais.

[...] de forma diversa, felizmente, a violência escolar pode ser identificado, combatido e enfrentado por todos que heroicamente lutam para mudar o rumo dessa história. Para isso precisamos distinguir e classificar os protagonistas dessa dramática realidade "(SILVA, 2010, p. 37)

Os personagens se classificam em: Vítimas Autor e Testemunhas. Os três são alvos diretamente ligados a violência escolar e sofrem graves consequências no meio social e de aprendizagem.

Segundo Neto (2007) as vítimas da violência escolar são geralmente pessoas com baixa autoestima, inseguras e com grandes dificuldades de interagir com outras

peessoas, são infelizes, sentem vergonha com o constrangimento que sofrem dentro e fora da escola.

Estes também mostram medo de reagir para não agravar ainda mais a frequência das agressões, e em consequência disso não se acham capazes e sofrem de depressão e ansiedade, nesse sentido se acham merecedores dos maus-tratos que acontecem com eles.

É comum que pessoas com algum tipo de deficiência, que seja intelectual ou física, receberem agressões verbais e físicas respectivamente o que podemos citar o que acontece com as pessoas obesas, e até mesmo com pessoas com inteligência acima da média que são taxados como “Nerds”, não se pode esquecer também das atitudes de racismo e homofobia. “O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e conceito negativo de si mesmo” (FANTE, 2005, p. 54).

Diante disso, a vítima de violência escolar causa retraimento social, causado pela insegurança de não ser capaz, ou pela sua imagem, aparências, diante das outras pessoas e o medo de ser julgadas.

Quanto aos autores as agressões ocorrem muitas vezes no âmbito familiar e social, pois o autor da violência descarrega suas frustrações dessa forma, a fim de causar dor e sofrimento às vítimas das agressões. São pessoas com afetividade baixa, não aceitam serem contrariados, e são líderes de grupos, com atitudes rebeldes, contam com ajuda de outros alunos que atuam como auxiliares.

O autor da violência escolar é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros (NETO 2005, p. 42).

Nesse caso, as testemunhas são passivas onde as mesmas não se envolvem no problema com medo de sofrerem represálias e ser o próximo agredido. As testemunhas podem ser ainda: ativas e neutras.

As ativas são aquelas que participam indiretamente da agressão conduzindo a situação de forma que são elas que ajudam e incentivam o agressor a cometer o delito. E as neutras são indiferentes e acham normal a prática da violência escolar, pois os mesmos possuem uma insensibilidade emocional por influencia social ou familiar.

[...] a forma como reagem a violência escolar permite classificá-los como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incentivam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper)(NETO. 2004, p.52).

Segundo Silva (2010, p 31) a violência escolar tem como algumas de suas consequências à delinquência afetando em larga escala a depressão, frustração, doenças psicossomáticas, transtornos mentais, e de psicopatologia graves, estes resultados podem ser desastrosos, pois favorece comportamentos antissociais e de não aceitação o quebra de regras que pode se estender para a vida adulta, essas consequências negativa existem tanto para agressores como para vitimas manifestando-se desde a repetência e a evasão escolar até o isolamento, depressão e, em casos extremos, suicídios e homicídios.

### **3. Considerações Finais**

É importante na atual conjuntura analisar e refletir, a respeito do desafio que a escola enfrenta ao lidar com a violência física na escola, sendo cada vez mais relevante a existência de uma postura coerente dos profissionais da educação e do Poder Público em face dessa questão tão primordial. O trabalho pedagógico em suas discussões sobre a existência desse fenômeno vem alcançando êxito, no que diz respeito ao estabelecimento de estratégias para, enfim, erradicar esta ameaça, que por muitas vezes vem se apresentando de forma preocupante.

Não é de hoje que profissionais da educação, alunos e pais vêm se surpreendendo com problemas de violência entre alunos das diversas esferas sociais. Apesar das preocupações, generalizadas, os olhares dos pesquisadores têm se voltado, para as manifestações de violência entre jovens das classes populares.

Nesse sentido, ao se analisar o fenômeno da violência, vemo-nos diante de uma série de dificuldades, não apenas porque essa situação é complexa, mas, principalmente, porque nos faz refletir sobre como se confunde, se interpenetra se inter-relaciona com questões como a agressão de modo geral e/ou com indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar.

Diante disso, é preciso considerar a escola um espaço de socialização onde são construídas relações de ensino e aprendizagem entre professores e alunos e esta é a razão de existência da escola. São eles os protagonistas do processo

educativo e, lhes proporcionar condições adequadas de trabalho, é tarefa imprescindível para se garantir a qualidade do ensino.

O foco da escola é a aprendizagem do aluno, então, adequar a proposta pedagógica, tornando-a mais atraente e significativa ao mesmo, é uma maneira de se construir uma escola onde a violência deixe de existir na paisagem das instituições de ensino com o firme apoio do Poder Público, priorizando-se a formação da sua autonomia.

É preciso considerar a escola um espaço de socialização e de enfrentamento da violência onde são construídas relações de ensino e aprendizagem entre professores e alunos e esta é a razão de existência do processo de ensino e aprendizagem que favorece a formação de cidadãos amantes da paz

## **Referências**

- ABRAPIA, Celso L. **Violência escolar**: perspectivas de enfrentamento. São Paulo: EDUSP, 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2002.
- ANTUNES, Celso. **Indisciplina na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2014.
- APPADURAI, Ulisses F. **Respeito e autoridade na escola e a geografia da violência escolar**. alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2009.
- AQUINO, José Franco de Arruda. **História da educação**. 2ed Rev. e Atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARAÚJO, Ulisses F. **Respeito e autoridade na escola**. In: Aquino, J. G. (org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno da violência escolar**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2005.
- FANTE, Cléo; PEDRA, Augusto. **Violência escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERREIRA, Ana Luiza. **Indisciplina e violência**: aspectos educacionais. São Paulo: Cortez, 2000.
- GAGNÉ, L. S. **Indisciplina**. Porto Alegre: Mediação, 1991.
- GARCIA, J. **Violência: questões contemporâneas**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

- GASPAR, Luiz Antônio. **Violência na escola: dilemas e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- KAMII, Constance. **Atitudes de violência na sala de aula**. Rio de Janeiro: Cortez, 1996.
- LA TAILLE, Yves de. Um olhar histórico sobre a Indisciplina. In: RANGEL, Mary (Org.) **Supervisão pedagógica: princípios e práticas** São Paulo: Papyrus, 2010
- LECH, Heloisa S. **Violência escolar: Questões à enfrentar**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3 ed. São Paulo : Atlas, 2002.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- PARO, Vitor. L. G. **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. 2004. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005.
- PEREIRA, Maria Auxiliadora. **Violência nas escolas: visão de professores do Ensino Fundamental sobre esta questão**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 114.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Edição: fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Imprensa Portuguesa – Porto. Distribuição – DINALIVRO –AUDIL. Março, 2002.
- REBELO, M. S. **Valores morais na escola**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2007.
- RODRIGUES, Luiz C. **Relações interpessoais e violência escolar**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- SANTOS, Antonio Fernando et al. Influência Social: A participação da família na aprendizagem dos filhos. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 3, p. 132-152, 2022.
- SILVA, Paulo A. **Violência e intervenção pedagógica na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.
- SILVA, Paulo A. **Relações afetivas e violência de gênero**. Rio de Janeiro: EDURJ, 2006.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e coordenação do Trabalho pedagógico**. 8ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

VENTURA, Nilson S. **Violência escolar**: caminhos e descaminhos. Rio de Janeiro: EDURJ, 2006.